

**SOLIDÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DE OTTO GROSS PARA A
COMPREENSÃO DAS NEUROSES**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação - Coordenadoria de Fomento à Pesquisa

João Pedro Simon Zuicker

Apoio: PIVIC Mackenzie

Orientadora: Julia Garcia Durand

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo, SP - Brasil

email aluno: 10403037@mackenzista.com.br>

email orientador: 1158228@mackenzie.br>

2025

Resumo: O presente trabalho é uma revisão sistemática de literatura que aborda a teoria psicanalítica de Otto Gross (1877-1920). As ideias de Gross trazem importantes contribuições para a articulação entre o campo psicanalítico e sóciopolítico. O ponto central do trabalho é analisar a solidão em que a criança é colocada no seio da família patriarcal enquanto fator causador de conflitos psíquicos e adoecimentos. Discutimos como a solidão, para Gross, faz com que as pulsões cardeais sejam deformadas, transformando o que era natural e saudável em um conflito interno patológico secundário. Foi observado que as principais formas de mudança nas pulsões tomam as formas de masoquismo e sadismo, um par de opostos que produz tensão interna por serem contraditórios entre si. Também estabeleceu-se um paralelo entre a relação solidão-pulsão observada em Gross com o conceito de desamparo proposto por Freud em 1926, no seu trabalho “Inibição, Sintoma, e Angústia”.

Palavras Chave: Instinto, pulsão, sexualidade, sadismo, masoquismo, solidão.

Abstract: This paper is a systematic review of literature addressing the psychoanalytic theory of Otto Gross (1877-1920). Gross's ideas make important contributions to the articulation between the psychoanalytic and sociopolitical fields. The objective of this paper is to analyze the loneliness in which children are placed within patriarchal families as a factor causing psychological conflicts and illness. We discuss how, for Gross, loneliness causes cardinal drives to be distorted, transforming what was natural and healthy into a secondary pathological internal conflict. It was observed that the main forms of change in drives take the form of masochism and sadism, a pair of opposites that produce internal tension because they are contradictory to each other. A parallel was also drawn between the loneliness-drive relationship observed in Gross and the concept of helplessness proposed by Freud in 1926 in his work “Inhibition, Symptom, and Anxiety.”

Keywords: Instinct, drive, sexuality, sadism, masochism, loneliness.

Introdução

O presente trabalho trata da teoria de Otto Gross, um psicanalista anarquista que viveu entre 1877 e 1920 e foi pouco conhecido na história da psicanálise, apesar de suas importantes contribuições para este campo. Sua influência, ainda que insuficientemente contemplada, parece ter sido relevante na fundação de uma corrente psicanalítica voltada às relações com o outro, à intersubjetividade, e na construção de alguns conceitos-chave como o de solidão infantil. Gross deu ênfase ao papel do ambiente na constituição da vida psíquica e nos processos de adoecimento - a partir de uma perspectiva sociopolítica - analisando criticamente algumas estruturas sociais como o patriarcado, a família, o estado e o capital.

Gross foi excluído da psicanálise em vida o que, postumamente, se transformou em absoluto desconhecimento de sua vida e obra (Checchia, 2018). Ficou conhecido por suas ideias radicais e suas proposições políticas para a psicanálise, por ser entusiasta de transformar a psicanálise em uma ferramenta política e revolucionária (Checchia, 2016) e por sua ideia de que o subjetivo é político (Heuer, 2017a). Uma de suas grandes contribuições para os movimentos revolucionários foi a de pensar a subjetividade e os problemas relacionais como sendo centrais para a construção de um novo mundo (Sombart, 1987). Gross “fez a ponte entre socialismo e psicanálise” (Sombart, 1987, p. 140).

Suas críticas frequentemente direcionavam-se à família patriarcal e à repressão autoritária imposta às crianças e às mulheres. Na questão feminina, abordou o campo da repressão sexual. Ele atribuía ao patriarcado os adoecimentos neuróticos - isso sem deixar de criticar a sociedade burguesa e suas estruturas. Portanto, defendia que para a higiene mental geral uma nova organização familiar e social deveria surgir: o matriarcado comunista.

[...] a família, esta que perverteria as capacidades próprias dos indivíduos tornando-os neuróticos defensores de um padrão moral estrangeiro as suas vontades e sensibilidades. Nesse sentido, a luta proposta por Otto Gross (1877-1920) era, primeiro, contra o patriarcado e a organização sexual da dominação; pretendia substituí-lo por uma associação matriarcal, essa sim própria à natureza humana. (Pedron, 2021, p. 2-3)

A família patriarcal seria responsável por reprimir a individualidade (o próprio) e introduzir a autoridade na vida anímica desde a mais tenra infância. Este elemento imposto e introjetado é chamado por Gross de “estrangeiro”. Assim, o conflito primordial e mais importante para a etiologia dos adoecimentos psíquicos ocorre “entre o próprio e o estrangeiro; entre o individual inato e o sugerido, isto é, o inculcado e o imposto.” (Gross, 2017a, p. 86). Venegas (2018) define o conflito acima citado como uma forma do indivíduo

de entrar em contradição consigo mesmo e adaptar-se às condições exigidas dele pela família; essa última seria um dispositivo de poder.

A proposta revolucionária de Gross era diferente: a revolução deveria começar na subjetividade (Checchia, 2016). Seria imperioso liberar o próprio recalado no inconsciente para promover tanto a higiene mental quanto as bases relacionais do matriarcado comunista. Desta forma, o objetivo de Gross era usar a psicanálise como ferramenta para desfazer a repressão (Cohn, 2010).

Das revoluções que pertencem à História não há nenhuma que tenha conseguido estabelecer a liberdade da individualidade. [...] Elas colapsaram porque o revolucionário de ontem carregava, em si mesmo, a autoridade. Só agora se pode reconhecer que a família é a morada de toda autoridade; (Gross, 2017a, p. 87).

Todo seu trabalho teórico está “impregnado pela política” (Checchia, 2016, p. 124), articulando anarquismo e psicanálise (Kauders, 2013) mirando a transformação social. Pietikainen (2007) classificou Gross como um “utopista psicológico”, isto é, alguém que busca atingir um estado psicológico ideal da vida com conhecimentos e métodos psicológicos específicos para transformar tanto as pessoas quanto a sociedade. A psicanálise teria um papel central para a revolução (Checchia, 2016). Gross via a repressão da sexualidade como um mau civilizacional, responsável por várias das patologias das relações - e visava liberá-la do recalque, como dissemos. Em carta, Jung conta à Freud que Gross acreditava ser o “imoralismo sexual” o verdadeiro estado de saúde do neurótico (Heuer, 2001).

Por suas ideias libertárias quanto à vida instintiva, suas defesas da revolução como sendo individual/social, e outras proposições, Gross ficou com uma imagem de “gênio/louco” (Heuer, 2001, p. 2). Muitos estudos discutem suas propostas revolucionárias ou sua história pessoal - que, por sinal, possui episódios que captam o olhar. A parte relacional e mais clínica de sua teoria ficou em segundo plano. Mais especificamente, o aspecto da teoria de Gross que será aprofundado neste trabalho é o conceito de solidão e sua relação com a etiologia dos padecimentos psíquicos. Desde cedo há uma ênfase na solidão infantil enquanto principal fator etiológico dos adoecimentos.

O conflito entre o próprio e o estrangeiro possui relação umbilical com o isolamento infantil; a solidão é o móvel das consequências psíquicas patológicas do convívio criança-família. Como o enfoque que Gross dá à solidão infantil foi pouquíssimo sublinhado na maioria dos trabalhos disponíveis sobre ele, este trabalho possui como objetivo aprofundar o conhecimento sobre este conceito, ligando-o aos de instinto ou pulsão, masoquismo e sadismo, para depois ver sua relação com o conceito de desamparo proposto por Freud em 1926. Neste caminho, o intuito é entender Gross como um pensador da teoria psicanalítica.

Desenvolvimento do argumento

O presente trabalho é de revisão sistemática de literatura de cunho teórico. A pesquisa baseou-se em 11 artigos encontrados em bases de dados online e 8 textos encontrados em mídia física. As bases de dados online utilizadas foram: JSTOR, Sage Publishing, Indepsi, Taylor e Francis Online, Wiley Library Online, Revista Lacuna, Oxford University Press, Revista da Universidade Estadual de Santa Catarina, Pickering & Chatto publishing, Imprint academic Ltd e Aacademica.org. Os livros físicos são das seguintes editoras: Annablume Editora, Companhia das Letras, Editora Dialética, Routledge e Penguin Group. Os autores tratados a partir de mídia física são: Marcelo Checchia, Gottfried Heuer e Sigmund Freud. Em mídia digital: Peteri Pietikäinen, Juan Pablo Pinto Venegas, Francisco Javier Montejo Alonso, Inés María Haya de la Torre Castro, Jesse Cohn, Nicolaus Sombart, Tea Habazin, Babak Fozooni, Anthony Kauders e Caio César Pedron.

A análise da literatura revisada foi estruturada em quatro eixos: 1 .Perspectivas gerais de Gross em relação ao conflito entre o próprio x estrangeiro e as pulsões; 2. Sexualidade e solidão como componentes inseparáveis na obra de Gross; 3. Breve exposição das relações entre angústia e perda do amor no texto “Inibição, sintoma e angústia” de 1926 e 4. Desamparo em Freud e solidão em Gross: conexões possíveis. A seguir serão apresentados cada um dos eixos, destacando-se as principais idéias discutidas por Gross e seus comentadores.

1 .Perspectivas gerais de Gross em relação ao conflito entre o próprio x estrangeiro e as pulsões

Para a compreensão do conflito entre o próprio e o estrangeiro, os trabalhos de Cohn (2010), Checchia (2016), Heuer (2017) e Venegas (2019) permitiram destacar as diferenças na compreensão do inconsciente para Gross e Freud, atribuindo ao primeiro a ideia de que nele (inconsciente) existem forças construtivas decorrentes de instintos harmônicos e compatíveis com a civilização. Checchia (2016) defendeu a ideia de que Gross não faz a diferenciação entre instintos e pulsões, atribuindo ao último uma base organicista e postulando a sexualidade como função vital. Pietikainen (2007) destaca que essa base biológica na concepção da vida instintiva presente em Gross é influenciada pelo pensamento de Piotr Kropotkin sobre o instinto de apoio mútuo - o qual seria próprio do humano. Esta perspectiva se distingue da teoria acerca dos conflitos pulsionais (Vida e morte) de Freud, na medida em que defende que o que produziria os conflitos internos não seria um conflito pulsional a priori, mas seriam fatores como a moralidade, a educação e o patriarcado.

Pedron (2021), Venegas (2019) e Fozooni (2014) destacam que segundo Gross (2017a) a estrutura da família patriarcal estaria na origem dos conflitos, pois é contra a natureza humana e representa um dispositivo coercitivo. A sexualidade só poderia ser campo de conflito interno se reprimida por uma moral sexual cultural.

Para diferenciá-lo de Freud, fizemos uma comparação quanto às concepções do último referentes ao conflito pulsional, em Freud (1905/2015) e Freud (1920/2010). Expusemos também a tese freudiana da necessidade civilizacional da repressão dos instintos e de seu consequente mal-estar cultural, o que pegamos em Freud (2021/1930).

Procurando diferenciar alguns aspectos teóricos entre Gross e Freud, Cohn (2010) analisa que, para o primeiro, o inconsciente não seria um depósito de forças anti-civilizacionais mantidas reprimidas pela lei, mas um tesouro de “valores escondidos” apartados da consciência por influência do autoritarismo. O inconsciente possui forças construtivas. Heuer (2017) destaca que os adoecimentos são entendidos como protestos legítimos contra uma sociedade repressiva.

As forças construtivas dizem respeito a instintos (inatos) que não conflitam entre si nem com a necessidade humana de viver em sociedade (Venegas, 2019); então, o conflito entre as pulsões não está dado a priori, nem entre elas, nem com a cultura. O par pulsional de Gross, a pulsão sexual e a pulsão de preservação da individualidade, além de conviverem harmoniosamente entre si (Checchia, 2016), não estão em desacordo com a civilização.

Gross entende que não há a necessidade de repressão instintual inerente ao processo civilizatório (Cohn, 2010) por existir essa compatibilidade entre as forças internas do ser humano e o convívio social. Se há uma luta dos instintos cardeais entre si e deles com a cultura, é porque há uma sociedade em desacordo com a natureza humana: “Fatos da natureza [...] nunca são o fundamento nem o núcleo próprio de conflitos internos nem de simbologia conflituosa.” (Gross, 2017b, p. 124).

Freud diverge bastante destas considerações: as pulsões conflitam entre si (Freud, 1905/2015; Freud 1920/2010) e com a necessidade de convívio social, sendo a neurose um sucedâneo do processo civilizatório. Freud via a necessidade do recalque para a socialização do humano, ou seja, existe a necessidade de regulação e subjugação das pulsões cardeais pela lei - como que domá-las - para que exista civilização (Freud, 2011/1930). A instância psíquica superegóica é a representante interna dessas leis que regulam a vida instintiva, formada a partir de uma diferenciação do Eu na dissolução do complexo de Édipo. Essa instância é a responsável pelos recalques. O Super-eu é um imperativo para a vida social, de acordo com Freud (Freud, 2011/1923). O núcleo conflitivo, nesta perspectiva, estaria na disposição natural das pulsões versus a incapacidade do humano de viver só; o mal-estar cultural e os adoecimentos são as consequências desta contradição (Freud, 1930/2021).

Os adoecimentos, para Gross, não seriam resultado da necessidade da vida em sociedade, mas um efeito psíquico desencadeado pelo processo de socialização da criança (Pedron, 2021). A socialização que, na sociedade patriarcal, é marcada por uma educação autoritária em que a família incute forçosamente seus valores e demanda da criança que se adapte às custas de si própria (Checchia, 2016). A imposição dos valores introduz o elemento estrangeiro responsável por quebrar a harmonia interior e desencadear uma série de conflitos psíquicos. A repressão observada na sexualidade estaria mais relacionada com o próprio e o estrangeiro do que com uma obrigatoriedade de subjugação instintiva exigida - inegociavelmente - pela civilização: “Creio que o essencialmente decisivo para o

estabelecimento dos recalcamientos está dado mais no conflito interno [...] do que na relação com o fator sexual.” (Gross, 2017a, p. 85).

A sexualidade, para Gross, seria uma função vital do organismo e não um instinto que se apoia em outro, portanto, os instintos são vistos numa perspectiva organicista (Checchia, 2016). Pietikainen (2007) entende que o conceito de Eros na obra grossiana é atravessado pelo conceito evolucionista de “instinto de apoio mútuo”, de Kropotkin, e implica numa força criadora das relações humanas. A sexualidade é então definida como: “pulsão ínsita — e, portanto, também a sexualidade originária da criança — é pulsão de contato, nos sentidos físico e psíquico.” (Gross, 2017c, p. 194). Seguindo essa linha de raciocínio, prazer sexual torna-se fundamental para a preservação do organismo e da saúde desde muito cedo na infância se o compreendemos como resultante do contato físico e psíquico.

Essa busca por prazer sexual é fundamental ao jovem vivente: caso ele não entre em contato erótico com os pais, permanecendo sozinho, morre em virtude de sua incapacidade de ficar só. É neste ponto que o estrangeiro penetra a alma infantil, conforme abordamos a seguir. A sexualidade, na verdade, é um componente fundamental da sociedade e, se liberada, poderá fornecer as energias para novas formas de laço social.

2. Sexualidade e solidão como componentes inseparáveis na obra de Gross

A família patriarcal se torna um fardo de opressão à criança e às predisposições próprias (Fozooni, 2014). São feitas diversas críticas, dentre elas, inferiorização e opressão da mulher e da criança e privilégio da autoridade paterna. Deste forma, é possível interpretar, conforme (Checchia, 2016), que há um caráter histórico do complexo de Édipo freudiano: muito pode se extrair neste ponto, mas, por exemplo, o pai seria odiado por ser opressor, não apenas por interditar o desejo incestuoso. Não se trata aqui de dizer se o complexo de Édipo é ou não histórico, mas de entender a relação dele com as concepções grossianas de família e porque, a partir destas concepções, o que está no centro dos adoecimentos é a solidão e não o conflito edípico - ainda que ele não seja negado em nenhum momento. Pietikäinen (2007) chega a dizer que Gross transfere o foco do complexo de Édipo para a solidão; enquanto um tem centralidade na teoria de Freud, a outra tem na do anarquista.

Gross enfatiza que: “O medo da solidão, que é a primeira vivência interna da criança, será condicionado pelo contraste entre o próprio feitiço inato e o entorno;” (Gross, 2017b, p. 122), este contraste é expressado na contradição entre as pulsões inatas e a organização patriarcal da família. Ele defende que o bebê humano nasce num “desamparo radical” (Checchia, 2020, p. 82) terrivelmente angustiante por causa de sua prematuridade. Essa angústia da solidão é associada com a angústia da morte.

Embora não seja exatamente a fonte original do conflito interior, o desamparo é uma de suas bases por provocar uma profunda angústia no bebê, uma angústia associada ao medo da morte. [...] A angústia da

solidão e de suas consequências leva então, em função da luta pela própria sobrevivência, à busca de contato com o outro. (Ibidem, 2020, p. 82-83)

O contato é buscado para evitar a angústia da solidão num movimento compensatório; a função vital da sexualidade está justamente na garantia de contato da criança com seu entorno, já que sem ele, ela morre. Como a criança possui necessidade de ser amada, acaba tornando-se como seus “mais próximos e mais queridos” (Pietikainen, 2007, p. 76) para receber esse afeto, já que estes pais exigem submissão e aceitação dos seus valores; se a criança os rejeita, não será amada. O conflito pulsional vêm da necessidade de adaptação para a sobrevivência da criança, assim, ela aceita as imposições familiares para obter em sua existência alguma satisfação. O grande problema não é o conflito entre a necessidade de conviver em sociedade e os instintos cardeais, mas entre a necessidade de contato infantil frente à uma instituição histórica (a família) autoritária; é só nestes termos que Gross admite um conflito pulsional.

A pressão do entorno age então, na criança, como compulsão à adaptação, isto é, como tendência à repressão da vida instintual. O entorno impede completamente à criança o contato, no sentido físico-sexual; no sentido psíquico, ele vincula a perspectiva de contato [...] à condição de adaptação, de renúncia ao ser em sua conformação individual. Foi esse o acontecimento que caracterizei como “isolamento da criança” através das conjunturas existentes no meio. Vejo na solidão em que a criança é colocada a verdadeira origem de toda angústia neurótica [...](Gross, 2017c, p. 194)

A solidão infantil é a origem dos adoecimentos por ser a mola propulsora da adaptação, que, por sua vez, é trazida por Gross como a renúncia ao próprio e assimilação do estrangeiro imposto. A força do estrangeiro repousa nos medos infantis de ficar só e de perder o amor parental (Venegas, 2019).

Checchia (2020) entende que a adaptação em si não é o problema, já que não há como viver em sociedade no princípio do prazer e a transição ao princípio de realidade se faz necessária. No entanto, está mais na natureza das imposições e na forma que elas são feitas o verdadeiro empecilho. Está no despotismo familiar a violência da adaptação: “a leitura que podemos fazer dessa passagem da teoria de Gross, é a de que muito repetidamente, senão incessantemente, os cuidadores se colocam como autoridade despótica para as crianças.” (Ibidem, p. 83-84). A criança depara-se com o seguinte mandamento familiar: “viva sozinho ou seja como nós.” (Gross, 2017b, p. 121).

Este amor irrecusável ao organismo infantil é então usado como coerção pela família: Gross vê no amor familiar um instrumento de controle (Alonso e Castro, 2017). A educação tem como principal arma a fragilidade infantil e sua consequente necessidade de contato. Essa

fragilidade está relacionada com algo que Gross chama de “sugestibilidade infantil”, e pode ser definida da seguinte maneira: “incapacidade de resistência às sugestões por causa da idade da criança” (Gross, 2017c, p. 217).

O masoquismo infantil nasce na tentativa da criança de ser amada a partir da submissão, com o emaranhamento entre pulsão sexual e necessidade de adaptação. A sexualidade acaba incorporando para si, como própria dela, um componente masoquista (Checchia, 2016). É importante ressaltar que Gross não concebe o masoquismo como sendo primário; é, para ele, formação secundária (Alonso e Castro, 2017). Ele pode ser entendido também enquanto uma dinâmica de relação caracterizada pela submissão às demandas, desejos e imposições alheias em detrimento daquilo que é próprio, na busca do amor parental.

Podemos dizer que o masoquismo é a tentativa da criança de se identificar com a situação passiva a ela atribuída e conseguir, assim, por submissão, um certo contato com o entorno. O motivo propulsor do masoquismo é o medo da solidão, mas o medo da solidão é um mote que também deverá entrar em vigor ao longo de toda a vida. [...] Na verdade, só raramente um ser humano fica tão solitário, de fato, em sua vida posterior, como ficou quando criança; mas uma criança ao menos ainda tem a esperança de um alívio dessa solidão ao preço da submissão. Através de uma recordação inconsciente dessa esperança fixam-se uma nostalgia e uma tendência de retorno ao infantil ao longo da vida. Portanto, também podemos definir o masoquismo como o empenho em restabelecer a situação infantil em relação ao adulto. (Gross, 2017c, p. 195,)

O masoquismo também pode ser compreendido como forma de identificar-se com a sociedade (Kauders, 2013); portanto, Gross vê que para a convivência social nas conjunturas patriarcais, a criança que socializa-se passa a ser, no fundo, uma submissa. O mesmo vale para os adultos: os que estão conformes à ordem são masoquistas, ou seja, para conviver numa sociedade marcada pelo autoritarismo a introjeção da lei perpassa a necessidade de submissão e fixação do componente masoquista na sexualidade (logo, nas relações). A lei, assim como o complexo de Édipo, recebe uma interpretação histórica, de forma a ser entendida como própria de uma ordem social específica.

Até agora só foi contemplada a sexualidade do par instintual grossiano, a pulsão de preservação da individualidade ganha seu papel importante a partir do masoquismo infantil; a desarmonia entre estes dois instintos tem seu início aqui. A partir do momento que a criança sacrifica sua individualidade no contato com o outro, o instinto de preservação entra em atividade pressionando a criança a lutar contra o entorno e contra a sexualidade: já que ela tornou-se masoquista ele (instinto de autoconservação) se hipertrofia (Checchia, 2016). O conflito interno primeiro passa a ser entre masoquismo e autoconservação. O primeiro pressiona para o contato e o segundo para a solidão.

O primeiro conflito interno tornado necessário à criança, o conflito do próprio com o estrangeiro intrusivo, perde então a sua pureza, na verdade, já desde o princípio, por um emaranhamento pulsional que interliga um dos instintos próprios, a sexualidade, e uma tendência de adaptação a outros — isto é, uma prontidão para o acolhimento de sugestões estrangeiras. O instinto anímico de autoconservação deve, daí em diante, lutar não apenas contra as sugestões de fora, mas também contra a própria sexualidade enquanto tal, a qual começou a fornecer a energia afetiva para os conteúdos sugeridos. (Gross, 2017c, p. 194-195)

Entretanto, a solidão é insuportável e mesmo com a rebeldia da autoconservação não há possibilidade da criança isolar-se por completo, e, para piorar, o contato sexual submisso não satisfaz as necessidades infantis inteiras. É formada uma solução de compromisso entre a sexualidade masoquista e seu inimigo, a preservação da individualidade em sua forma hipertrofiada (chamada por Gross de vontade de potência): origina-se o sadismo (Checchia, 2016) com o objetivo de preservar algo da personalidade e, ao mesmo tempo, manter-se em contato com a família.

O sadismo não tem origem primária e pode ser entendido como formação posterior ao masoquismo, portanto, numa forma infantil e desesperada de preservação da própria individualidade. A solidão, por um lado, é o motor do masoquismo, mas, Gross propõe, é ela e a sensação de impotência os dois motores do sadismo. Em virtude do sadismo ter tal origem (desespero) é que vários impulsos observados no inconsciente possuem conteúdos de ódio, destruição e vingança. Ainda, Gross diz ser a essência da disputa entre sexualidade e vontade de potência a disputa entre medo da solidão e desejo de ficar só. Kauders (2013) coloca que o indivíduo ou rejeita a sociedade sadicamente e se isola, ou se identifica com ela masoquisticamente.

Em contrapartida, a pulsão de autoconservação da personalidade, como componente antagônico, representa, em primeiro lugar, o protesto antisssexual enquanto tal. A angústia da solidão, o próprio isolamento sexual, deve também dar origem à tendência a querer forçar o contato sexual [...] A criança tem o anseio desesperado de ser adulto: essa vontade de ser adulto está, de acordo com sua essência, em exata oposição à situação das coisas no masoquismo; é um conteúdo soberano da tendência à autoconservação. Mas ser adulto — e, sobretudo, ser forte — também significa uma perspectiva de realização do desejo, de poder forçar sexualidade em seu favor. Assim se chega a um compromisso entre a sexualidade e a tendência à autoconservação em sua forma hipertrófica; a um emaranhamento

pulsional de sexualidade e vontade de potência. São justamente o estado anímico da criança, a angústia da solidão e a sensação de impotência — que emprestam ao seu inconsciente um conteúdo de ódio e de vingança intimamente ligados ao medo [...]. O resultado da conexão da sexualidade com a vontade de potência — em sua essência, uma formação de compromisso entre o medo diante da solidão e a vontade de manter a solidão — é o componente pulsional sádico. (Gross, 2017c, p. 196-197)

O conflito que iniciou no próprio e estrangeiro passou por transformações que o fizeram ocorrer por completo no campo da sexualidade entre sadismo e masoquismo, a partir da formação do “complexo de forças sádico-masoquistas” (Gross, 2017c, p. 199). Este complexo faz-se presente na vida anímica de todos os indivíduos, e é a razão dos problemas relacionais, para Gross.

Constitui-se também, então, em cada pessoa, um fator sádico como expressão da invencibilidade da pulsão anímica de conservação. Assim, o grande conflito interior — originalmente o conflito entre o próprio e o estrangeiro — torna-se, então, conflito entre a sexualidade e a pulsão do eu, entre a tendência à entrega e a vontade de potência; e, por fim, como um todo, irá implicar-se e fixar-se no domínio do sexual, entre dois componentes pulsionais antagônicos de natureza sexual: o fator masoquista e o sádico. [...] A patologia da relação baseia-se na deformação sádico-masoquista das pulsões cardeais. (Gross, 2017c, p. 197)

As relações transformam-se em patológicas à medida que os indivíduos carregam em si pulsões deformadas pela autoridade; pulsões que iniciaram harmônicas internamente e em relação ao contato social e terminaram em conflito entre si e em com a sociedade. Nesta perspectiva que Gross vê o conflito interno, a educação que a criança recebe nas conjunturas patriarcais não é um fator necessário à civilização; é, pelo contrário, um fator anti-civilizatório que produz conflitos relacionais.

3. Breve exposição das relações entre angústia e perda do amor no texto “Inibição, sintoma e angústia” de 1926

Tentamos enfatizar o papel do conceito de solidão e sua interconexão com os principais postulados grossianos. Existem paralelos interessantes a serem feitos com o texto de Freud “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926. Apesar de haver convergências entre os

dois autores nos referidos textos, evidentemente existem grandes diferenças - que, por sinal, perpassam suas obras como um todo.

No texto referido acima, alguns paradigmas são quebrados, a ponto de Freud ter se perguntado o seguinte: “nos achamos diante do velho enigma: de onde vem a neurose, qual seu último móvel e o que lhe é peculiar? Após décadas de esforços analíticos, esse problema ainda se apresenta diante de nós[...]” (Freud, 1926/2014, p. 94). É neste trabalho que a noção de desamparo ganhará mais atenção.

A ideia de que o conflito entre as instâncias psíquicas produz as formas de adoecimentos é mantida; a questão gira em torno da angústia. Ela é definida da seguinte maneira: “a angústia é a reação à situação de perigo” (Ibidem, p. 68). Antes de 1926, Freud entendia que o recalque produz a angústia, depois, defendeu que é a angústia que produz o recalque: “aqui é a angústia que gera a repressão, e não, como julgamos anteriormente, a repressão que gera a angústia[...]” (Ibidem p. 43).

Há a relação entre angústia, castração e perda de objetos; Freud percebe que o sentimento da criança diante da ameaça de castração é angústia. Contudo, vê que mais afundo desta angústia está o medo da perda e da separação: “Até aqui nós a enxergamos [a angústia] como sinal afetivo do perigo, mas agora, tratando-se tão frequentemente do perigo da castração, ela nos parece constituir a reação a uma perda, a uma separação [...]” (Ibidem, p. 70). A angústia estaria umbilicalmente ligada à separação - Freud enxerga o nascimento como a primeira separação sentida pela criança. Essa separação causaria grande quantidade de angústia. Daí em diante o Eu seria exposto a várias separações, dentre elas o complexo de castração (Ibidem).

Da concepção de angústia como produto da separação, há a constatação que ela vem do desamparo, diretamente ligado à separação entre o bebê e a mãe: “a angústia revela-se produto do desamparo psíquico do bebê, [...] tanto a angústia do nascimento como a angústia do bebê são determinadas pela separação da mãe” (Ibidem, p. 80). A castração seria outra separação da mãe: “A alta apreciação narcísica do pênis pode alegar que a posse desse órgão envolve a garantia de uma reunificação com a mãe (a substituta da mãe) no ato do coito. A subtração desse membro equivale a uma nova separação da mãe;” (Ibidem, p. 81). Portanto, a castração significa: “ser abandonado, desprotegido, a uma tensão desprazerosa gerada pela necessidade (como no nascimento).”.

A separação da mãe é sentida como perigosa porque é ela quem satisfaz as necessidades instintuais do bebê. A insatisfação destas exigências é a situação de perigo da qual o bebê deseja evadir. Quando os instintos não são descarregados, a tensão no aparelho psíquico aumenta, produzindo o desprazer: “Se o bebê exige ter a percepção da mãe, isso ocorre porque ele sabe [...] que ela satisfaz rapidamente todas suas necessidades. A situação que ele [bebê] avalia como perigosa, [...] é a da insatisfação [...]” (Ibidem, p. 79).

Podemos compreender, desta forma, que o perigo do desamparo é a não satisfação instintual. Não há insatisfação sem que o objeto externo se recuse a realizar os desejos da criança ou sem que ele esteja presente; perigo externo e interno estão conectados. O medo da perda do amor do objeto se conecta à questão instintual na medida em que a criança nutre

desejos proibidos em si: “uma pessoa amada não nos negaria seu amor, e não seríamos ameaçados de castração, se não nutríssemos determinados sentimentos e propósitos em nosso interior” (Ibidem, p. 89). Por essa razão que o Eu adotará defesas internamente também: “esses impulsos instintuais se tornam condições para o perigo externo e, assim, perigosos eles mesmos; e podemos então combater o perigo externo adotando medidas contra o perigo interno” (Ibidem, p. 89).

Neste ponto, Freud se depara com o fato das mulheres passarem pela ameaça de castração diferentemente dos homens, dado que elas não possuem pênis. A resolução para este entrave se deu na gênese da seguinte ideia: “já não se trata da falta ou da perda real do objeto, mas da perda do amor do objeto.” (Ibidem, p. 87). É preciso ressaltar que a perda do amor só é sentida pela criança em fase tanto mais avançada de seu desenvolvimento; quando bebê, a angústia relaciona-se mais com afastamento do objeto, e, quando ainda muito nova, com a perda real dele. Em todos os casos a angústia é o afeto que será mobilizado pelo Eu diante de uma separação; a perda do amor é uma forma de separação. Assim que a criança está mais madura, o que realmente importa é: “que as pessoas de quem dependemos não nos retirem seu terno cuidado” (Ibidem, p. 91).

É visível que Freud enfatiza a necessidade de amor. Essa necessidade tão pulsante da vida humana se relaciona com o fato do bebê nascer prematuramente (em especial se pensarmos nos outros mamíferos) e necessitar, em decorrência de sua prematuridade, de muitos cuidados. A breve existência intrauterina do humano aumenta o poder da influência do mundo externo sob o indivíduo. Este cenário remonta ao desamparo que a criança humana passa ao nascer e crescer, daí a importância absoluta do objeto que cuida e protege.

Dos fatores envolvidos na causação das neuroses, que criaram as condições nas quais as forças psíquicas se enfrentam, três se destacam em nossa compreensão: um biológico, um filogenético e um puramente psicológico. O biológico é a longa fase de desamparo e dependência do bebê humano. A existência intrauterina do ser humano mostra-se relativamente breve, comparada à da maioria dos animais; ele é trazido ao mundo menos ‘pronto’ do que eles. Por isso a influência do mundo real externo é reforçada, a diferenciação do Eu em relação ao Id é logo promovida, os perigos do mundo externo têm sua importância elevada, e o valor do único objeto capaz de proteger contra esses perigos e tomar o lugar da vida intrauterina perdida é bastante aumentado. Portanto, o fator biológico dá origem às primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano.” (Ibidem, p. 101)

Essa breve exposição nos fundamenta para o seguinte passo: a relação entre o desamparo e a solidão.

4. Desamparo em Freud e solidão em Gross: conexões possíveis

A partir da exposição acima, poderemos estabelecer paralelos entre as ideias de Gross e de Freud aqui apresentadas. Gross atribui a etiologia dos adoecimentos neuróticos ao isolamento infantil, compreendendo que este isolamento é letal à criança dada sua pequenez e incapacidade de sobrevivência independente. A criança, ao entrar em contato com o mundo, busca contato físico e psíquico. Essa busca de contato é uma necessidade vital, pois, sem convívio com a família, a criança morre. Portanto: a sexualidade é vital. Essas conclusões são tomadas principalmente ao analisar um estudo feito por um médico do seu tempo chamado Ibrahim, que tratava da causa do hospitalismo em crianças órfãs recém nascidas. A conclusão que o médico toma é que as crianças morriam por falta de cuidado individual. Alonso e Castro (2017) dizem que, para Gross, é a falta de amor a causa da morte dessas crianças.

Entendendo o cuidado como aquilo que estava sendo chamado de amor, é possível estabelecer uma conexão entre este cuidado amoroso e a sexualidade.

A valia dos resultados de Ibrahim para o nosso problema consiste, em grande parte, na força demonstrativa dos fatos apresentados para a exatidão das doutrinas psicanalíticas. Sobretudo, é comprovada através deles uma tese fundamental de S. Freud, que, mais do que qualquer outra, esteve exposta a dúvidas e ataques: o ensinamento psicanalítico da existência e da intensidade vital da sexualidade já na mais tenra infância. Eles ratificam, para além disso, a nossa definição da sexualidade da criança — primeira, mais originária, autóctone — como pulsão de contato em todos os sentidos, tanto no físico como no psíquico. (Gross, 2017c, p. 216)

A criança morreria, em certo sentido, pela insatisfação (falta de amor, aqui). Harmoniza-se com isso aquela proposição trazida por Freud: a falta de cuidado materno e a angústia frente ao desamparo é a angústia da insatisfação instintual; eis o perigo.

Freud entende que a perda do objeto de amor é o que está em jogo durante o momento em que a criança nutre sentimentos hostis e eróticos direcionados aos genitores. Estes sentimentos, por serem moralmente proibidos ou tidos como errados, produzem na criança o medo de perder o amor parental. Gross, por sua vez, entende que é a imposição dos valores morais ao próprio (incluído a vida instintual aí) que faz com que a criança sinta-se só e consequentemente tema a perda do amor; ambos autores compreendem que determinadas necessidades internas produzem angústia na criança, que é a reação ao medo do desamparo - seja na perspectiva de Gross em que a moral sexual é oriunda de uma sociedade específica (patriarcal) e é necessária somente na medida da manutenção desta mesma sociedade, seja na de Freud, em que a Lei é necessária a qualquer processo civilizatório. Mesmo com diferenças grandes, ambos atribuem ao medo da perda do amor um peso importante na gênese das neuroses - medo que é, no final, o desamparo ou a solidão em determinada época da infância.

Freud observou que os neuróticos possuem um medo exacerbado em si. Atribui este medo às fixações no inconsciente geradas no processo de recalque. Foi durante a infância que este recalque ocorreu; então, carrega uma carga afetiva de medo e angústia sentidas na condição infantil. Daí sua desproporção com a situação atual e real (Freud, 1926/2014). Pensando em Gross, a angústia frente à solidão também ocorre durante a infância. O indivíduo predominantemente masoquista ou predominantemente sádico carrega em si esses traços de caráter em reação a uma situação que viveu ainda quando criança. Desta maneira, sua vida pulsional emaranhada com componentes sádicos e masoquistas também não dizem respeito a um medo atual, mas um medo fixado anteriormente em sua existência. O medo da solidão é o fundamento do medo da morte.

Agora — com o conhecimento, através de Ibrahim, de materiais factuais — vemos imediatamente o terrível significado da solidão infantil. O isolamento total e real é letal para a criança. A angústia diante da solidão é, portanto, um verdadeiro e fundamentado medo da morte. (Gross, 2017c, p. 216)

A angústia de morte aparece em Freud como a variação final da angústia ante o Super-eu. Esse Super-eu possui em seu núcleo as figuras parentais introjetadas; se trata igualmente do medo do castigo desta instância do psiquismo que representa internamente os pais (Freud, 1926/2014).

A fragilidade do bebê humano (e da criança também) frente ao meio e aos pais também podem trazer discussões interessantes. Aquilo que Gross chamou de “sugestibilidade infantil”, a incapacidade da criança de resistir às sugestões estrangeiras, aparece em Freud como prematuridade. Essa prematuridade faz com que o bebê necessite muito do objeto que o cuida, sendo ele de extrema importância em sua vida. Podemos compreender que a grande sugestibilidade infantil é produto tanto da prematuridade quanto da consequente supervalorização do objeto observadas por Freud. Neste ponto, há a tentativa de explicar a partir de um ponto biológico a gênese do enorme desamparo humano. Desempenha-se uma tentativa de conexão com aspectos de evolução a partir de considerações que englobam a própria espécie humana. Gross, por outros caminhos, vai buscar apoio de Kropotkin para a compreensão de algumas características básicas do ser humano enquanto espécie.

O desamparo, seja no nascimento, nos anos que se seguem ou durante a idade do complexo de castração, é bastante angustiante para o vivente. A angústia seria a força do recalque. Desamparo e recalque estão relacionados, o que facilmente lembra a seguinte frase de Gross: “viva sozinho ou seja como nós.” (Gross, 2017b, p. 121). Se considerarmos o recalque como fundamental para o processo de assimilação do estrangeiro, poderemos chegar à hipótese de que a força do recalque e da adaptação para Gross é o medo da solidão. A solidão deixaria a criança em enorme desamparo, além de nela não poder satisfazer de forma suficiente suas necessidades instintuais; ou seja, não é uma opção viável. Mesmo que a adaptação custe caro ao indivíduo, um prazer maior que quando solitário será alcançado.

Embora as divergências entre os dois autores sejam grandes a depender do tema, foi possível conectar o desamparo e a gênese da angústia em Freud com as ideias de solidão de Gross.

Conclusão

Infelizmente, Gross ainda é pouco comentado. Não só pouco comentado, suas contribuições à clínica ficam ainda mais esquecidas. O que, em geral, se discute mais, são as proposições revolucionárias e a história pessoal deste autor. De todo modo, não é ruim que ele seja lembrado por ideias que eram suas, mas não podemos tomar a parte como todo.

A solidão encontra-se no núcleo de sua obra e liga-se com a sua teoria do conflito interno, que pode ser usada como ferramenta clínica. O que se consolidou com o tempo, em linhas gerais, foi a imagem de Gross mais como um pensador da sociedade e da cultura sem a amarração disso com a teoria válida aos clínicos da atualidade. A escolha de não comentar nada dos dados biográficos e apenas apresentar superficialmente as defesas revolucionárias vem da percepção dessa lacuna presente em alguns dos trabalhos.

Ademais, foi possível dissertar sobre de sua teoria, e compará-la com Freud, a fim de reinserir Gross no cânone psicanalítico partindo do próprio criador dessa disciplina. O eixo condutor de ambas as tentativas foi o conceito de solidão.

Consideramos que a ideia da solidão como central na etiologia dos conflitos psíquicos e das patologias pode encontrar frutos no campo científico atual; inclusive com estudos empíricos sobre as manifestações deste estado psíquico nas crianças atendidas por psicanalistas. Também, Gross nos dá uma diferente perspectiva da gênese do sadismo e do masoquismo acompanhada da crítica à educação e à família; entendemos que podem sair bons frutos daí. Gross nos ajuda a considerar a exploração de novos caminhos e novas respostas para velhas perguntas na psicanálise pela mistura que fez entre ela e a política. Essa junção tem sido alvo de discussão na atualidade, em especial na relação com o movimento feminista.

Quem sabe, em algum tempo - o que não esperamos que aconteça com um trabalho -, seu pioneirismo na área possa ser reconhecido e de suas teorias venham a dar boas ferramentas para lidar com os problemas psíquicos da atualidade.

Referências:

ALONSO, F. J. M. e CASTRO, I. M. H. T. **El instinto de contacto**. *Asociación Latinoamericana Sándor Ferenczi*, Chile, v. (não consta), n. (não consta), p. 1-10, março, 2017. Disponível em: <https://www.alsf-chile.org/Indepsi/Articulos/Revisiones/El-instinto-de-contacto.Otto-Gross-1920.pdf>.

COHN, Jesse. **Sex and the anarchist unconscious: a brief history**. *Sexualities*, London, v. 13, n. 4, p. 413–431, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/1363460710370649>

CHECCHIA, M. **Otto Gross e o combate à vontade de potência.** In: CHECCHIA, M (Org.). *Combate à vontade de potência*. 1 ed. São Paulo: Annablume Editora, Novembro de 2016. P. 123-151.

CHECCHIA, M. **Otto Gross: um caso de segregação e esquecimento na história da psicanálise.** *Lacuna*, São Paulo, v. (não consta), n. 5, p. 1-26, Junho, 2018. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2018/06/04/n05-02/>.

CHECCHIA, M. **Origens psíquicas da autoridade e do autoritarismo.** 1a Ed, São Paulo: Editora Dialética, 2020.

FOZOONI, B. **Sexual Dysfunction(s) in Iran: Imaginary Encounters with Otto Gross and Wilhelm Reich.** *Psychotherapy and Politics International*, Reino Unido, v. 12, n. 2, p. 80-98, 2014. DOI: 10.1002/ppi.1331.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer.** In: Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil ("O Homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. 1.º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia.** In: Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Tradução de Paulo César de Souza. 1.º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id.** In: Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925). Tradução Paulo César de Souza. 1.º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização.** Tradução de Paulo César de Souza. 1.º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. 1.º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GROSS, O. **Pela superação da crise cultural.** In: CHECCHIA, M. (Org.). *Por uma psicanálise revolucionária*. 1a Ed. São Paulo: Annablume Editora, 2017a, p. 83-87.

GROSS, O. **Sobre a simbologia da destruição.** In: CHECCHIA, M. (Org.). *Por uma psicanálise revolucionária*. 1a Ed. São Paulo: Annablume Editora, 2017b, p. 111-127.

GROSS, O. **Três ensaios sobre o conflito interno.** In: CHECCHIA, M. (Org.). *Por uma psicanálise revolucionária*. 1a Ed. São Paulo: Annablume Editora, 2017c, p. 189-238.

HEUER, G. M **Jung's twin brother. Otto Gross and Carl Gustav Jung.** *Journal of Analytical Psychology*. Londres, v. 46, n. 4, p. 655-688, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1111/1465-5922.00272>

HEUER, G. M. **Freud's outstanding colleague/Jung's twin brother: The suppressed psychoanalytic influence of Otto Gross.** 1a Ed, Londres: Routledge, 2017.

HEUER, G.M.; HEUER, B. **October.** *Psychotherapy and Politics International*, Londres, v. 16, n. 2, p. 1-14, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1002/ppi.1455>

KAUDERS, A. D. **Truth, Truthfulness, and Psychoanalysis: The Reception of Freud in Wilhelmine Germany.** *German History*, Local de publicação (não consta), v. 31, n. 1, p. 1-22, Fevereiro, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/gerhis/ghs121>

PEDRON, Caio César. **Otto Gross, Max Weber e a erótica livre: salvação intramundana ou revolução sexual?.** *Em Tese*, Campinas, v. 18, n. 1, p. 420-440, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2021.e73752>

PIETIKÄINEN, P. **Alchemists of human nature: psychological utopianism in Gross, Jung, Reich and Fromm.** 1a Edição. Londres: Routledge, 2007. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315652979>

SOMBART, N. **Max Weber and Otto Gross: on the relationship between science, politics and Eros in Wilhelmine Germany.** *History of Political Thought*, local (não consta), v. 8, n. 1, p. 131-152, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26213260>

VENEGAS, J. . P. P. **Otto Gross.** *Segundo Encuentro Curioso: "El psicoanálisis y lo social"*. Buenos Aires, v. (não consta), n. (não consta), p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://www.aacademica.org/segundo.encuentro.curioso/30>